Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

A midiatização do imaginário no Caso Kliemann[1]

The mediatization of the imaginary in the Kliemann Case

Ricardo Luís Düren

Palavras-chave: Midiatização; Imaginário; Caso Kliemann.

Neste trabalho apresentamos a proposta de pesquisa sobre a qual nos debruçamos para fins de nossa tese de doutoramento, a qual busca observar as reconfigurações que, a partir dos processos inerentes à midiatização, incidem sobre uma determinada gama de sentidos chamada de imaginário. Para tanto, em nosso trabalho buscamos estabelecer um diálogo entre a epistemologia da midiatização e as pesquisas da ordem do imaginário. Para dar início à nossa exposição, vamos narrar a seguir determinados incidentes ocorridos nos anos de 1960 que ficaram conhecidos como O Caso Kliemann e que nos servem de corpus de análise na citada pesquisa.

Já passavam das 14 horas de 31 de agosto de 1963 quando o vereador Floriano Peixoto Karan Menezes, mais conhecido pelo apelido de Marechal, sentou-se diante do microfone da Rádio Santa Cruz, em Santa Cruz do Sul (RS), e, com a emissora ao vivo, deu início a um discurso marcado por críticas ao deputado estadual Euclydes Nicolau Kliemann, adversário político do partido ao qual o vereador era filiado. Conforme narra

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

De Grandi (2010), em dado momento Marechal passou também a defender correligionários que, minutos antes, haviam sido criticados por Kliemann, quando esse estava ao microfone. O vereador afirmou então que as críticas de Kliemann eram "baixas" e que partiram "[…] de um elemento que é ou foi, *e os jornais aí estão para o dizer*: suspeito. Suspeito no caso havido com sua esposa" (DE GRANDI, 2010, p. 153, *grifo nosso*).

Marechal referia-se ao misterioso assassinato da esposa de Euclydes, Margit Kliemann, encontrada morta – empurrada do alto de uma escada – em 20 de junho de 1962 no palacete onde a família vivia, em Porto Alegre. A autoria do crime nunca foi descoberta mas, no curso da investigação, o deputado tornou-se o principal suspeito da polícia – fato amplamente explorado pela imprensa na época. Conforme De Grandi (2010), no período das investigações o jornal Diário de Notícias, de Porto Alegre, triplicou a venda avulsa e o Última Hora, também da Capital Gaúcha, quadruplicou sua tiragem – ambos apostando em reportagens com investigações paralelas às da polícia e, segundo o autor, também na invenção de fatos e personagens (supostas testemunhas, por exemplo) que sequer existiam.

Conforme De Grandi (2010), a menção ao assassinato de Margit, por parte do vereador, irritou Euclydes Kliemann. Ao ouvir a afirmação de Marechal, o deputado, que permanecia no prédio da Rádio Santa Cruz, invadiu o estúdio e afirmou: "Essa não!" Ante a invasão, Marechal sacou um revólver e acertou um tiro no coração do deputado, que morreu na hora. E o estampido ecoou, ao vivo, nos aparelhos de rádio de milhares de ouvintes da emissora. A gravação onde ouve-se o discurso do vereador seguido pela interrupção de Kliemann e do som do tiro persiste até hoje – e, assim como De Grandi (2010), também tivemos acesso a ela para fins de nossa pesquisa.

Como pesquisadores interessados nos fenômenos inerentes à midiatização, podemos observar, no incidente descrito acima, uma série de peculiaridades que

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

sugerem a possibilidade de investigações e inferências à luz dessa epistemologia. Uma delas está presente na própria alusão, feita por Marechal (trecho em itálico, no excerto acima), ao papel desempenhado pelos jornais como agentes que informaram e confirmaram que Kliemann era suspeito da morte da esposa. Podemos inferir que os jornais foram enunciadores que, ao materializar determinado sentido (Kliemann é suspeito da morte da esposa) o dotaram, como afirma Verón (2013) em seus apontamentos sobre o fenômeno midiático, de autonomia e persistência, possibilitando que este sentido tenha chegado a milhares de leitores – incluindo o próprio Marechal – que se encontravam e/ou se encontram distanciados dos meandros do rito policial inerente à investigação da morte de Margit tanto em termos de espaço quanto de tempo. Mostra disso é que o armazenamento destes jornais possibilita que, ainda hoje, tenhamos acesso a estes discursos.

Pode-se inferir também que, por conta dos processos inerentes à circulação – à defasagem (VERÓN, 2005 e 2013) que se instaura entre as condições e gramáticas de produção e condições e gramáticas de reconhecimento – houve reconfigurações do sentido proposto pelos enunciadores, potencializadas pelos transcurso do tempo. Cumpre destacar que, como observa Fausto Neto (2018), o avanço das pesquisas em midiatização constatou que este intervalo da ordem da circulação é caracterizado não só por defasagens e desvios, mas por complexos processos de negociação de sentidos entre os enunciadores e seus destinatários, processos esses que recebem também a interferência de outros feixes de sentido, não autorizados pelos enunciadores primeiros, que se interpõem entre os dois polos da semiose.

Observamos que a constatação elencada por Fausto Neto (2018) está bastante imbricada no atual contexto social, de uma sociedade midiatizada na qual o crescente acesso a novas tecnologias de materialização do sentido (caso da internet) proporcionou o surgimento de novos agentes de enunciação, externos ao aparato de comunicação

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

institucionalizado, formado por jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão. Estes novos agentes, vinculados a campos laborais diversos para além do campo jornalístico (Fausto Neto, 2010 e 2018), por conta de seu acesso às novas tecnologias, interpõem ao discurso institucionalizado feixes de sentido novos e desautorizados pelas instituições, contribuindo para a reconfiguração dos sentidos inicialmente enunciados. Cumpre lembrar, porém, que o desenvolvimento e popularização da internet são posteriores ao Caso Kliemann, nosso corpus de análise.

Ainda assim, nos parece inegável que os processos da ordem da circulação tenham se interposto nas narrativas midiatizadas acerca do Caso Kliemann, gerando reconfigurações na esteira da autonomia e da persistência e, eventualmente, recebendo interferências de outros feixes de sentido neste processo. Afinal, o fenômeno midiático, como observa Verón (2013), ganha corpo na materialização dos sentidos em suportes proporcionada pela invenção da escrita, vindo, entretanto, a potencializar-se a partir da invenção da impressão. Neste viés, e no diálogo com Fausto Neto (2010 e 2018), podemos inferir que, em seu discurso, o próprio Marechal agiu como um novo agente enunciador, externo ao campo institucional de enunciação (o jornalístico), gerando novos feixes de sentido por conta da oportunidade de acesso a uma tecnologia de mídia específica (o rádio).

Mais adiante retomaremos a dinâmica da processualidade da midiatização, buscando demonstrar de que forma tal processo pode ter agido – e ainda age – como reconfigurador de sentidos da ordem do imaginário emergentes a partir dos episódios conhecidos como Caso Kliemann. Para tanto, cumpre, antes, apresentarmos o conceito de imaginário com o qual trabalhamos.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

1 O imaginário

Em nossa pesquisa trabalhamos com a hipótese, defendida por Silva (2017), segundo a qual o imaginário consiste em um excedente de significação que o *sapiens* atribui aos fatos transcorridos na concretude do mundo, em decorrência de processos cognitivos e emocionais que se estabelecem no aparelho psíquico. Equivale a dizer que o imaginário consiste na emergência de uma carga de sentidos que o indivíduo, na esteira de uma processualidade psíquica que envolve tanto o racional quando o inconsciente e o emotivo, relaciona aos eventos que acontecem no plano físico – no dito mundo real –, tais como uma partida de futebol, um acidente de trânsito ou um crime. É a partir desse processo, defende o autor, que mesmo uma situação trivial torna-se, no âmbito da subjetividade humana, interessante, deslumbrante, repleta de cores e sentimentos. O imaginário é, portanto, "[...] a transfiguração da banalidade em extraordinário, a metamorfose do trivial em maravilhoso, a conversão inesperada, o salto" (SILVA, 2017, p. 21).

Em síntese, Silva (2017) apresenta o imaginário como um novo sentido que o homem atribui a eventos que, em sua origem, ocorrem no plano físico (no mundo real) destituídos de sentido. Equivale a dizer que uma tragédia simplesmente acontece no plano físico, à revelia dos sentidos que a ela serão dados pelo homem. Porém, por força da processualidade do imaginário, da intervenção dos componentes subjetivos e racionais da mente humana, a tragédia gera comoção mesmo entre aqueles que não têm relação direta com o ocorrido. O mesmo ocorreria a incidentes banais – uma queda em via pública, uma ofensa, uma coincidência qualquer –, os quais, por força da processualidade do imaginário, tornam-se mais interessantes, deslumbrantes, alegres ou comoventes. Cumpre ressaltar, porém: o imaginário, para Silva (2017), não é uma fantasia, mas um sentido outro, enraizado no evento real que o desencadeou.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Em respeito ao limite de espaço, deixaremos para ocasião posterior a síntese das pesquisas do imaginário que culminaram nas inferências apresentadas por Silva (2017). Cumpre citar, porém, que o autor é herdeiro de uma linha de pesquisa que inicia mais de 70 anos antes, com Gaston Bachelard, passando por Gilbert Durand – responsável por sistematizar os avanços da teoria do imaginário – e por Michel Maffesoli. Tratam-se de autores que, apropriando-se também de inferências oriundas da psicologia, psicanálise, antropologia e sociologia, buscaram compreender os processos subjetivos geradores do excedente de significação (SILVA, 2017) decorrente do imaginário.

2 A reconfiguração do imaginário

À luz dos apontamentos oriundos da teoria do imaginário, no tensionamento com a epistemologia da midiatização, entendemos que as tragédias que compõem o Caso Kliemann (a morte de Margit e, posteriormente, de Euclydes) geraram determinados sentidos da ordem do imaginário que, por conta da processualidade da midiatização, passaram por reconfigurações. A materialização da narrativa por parte dos enunciadores (particularmente, os jornais) traz consigo, implícita, a materialização de um imaginário gerado no âmbito destes agentes de enunciação – dado que, por trás dos jornais há indivíduos dotados de subjetividades (repórteres, redatores, editores). Surge, portanto, um imaginário em torno dos meandros do Caso Kliemann materializado. Seguindo as inferências de Verón (2005 e 2013), podemos afirmar que esta materialização do sentido ocorre mediante gramáticas de produção (GP) inerentes à sociedade onde tais enunciadores estão inseridos e mediante condições de produção (CP), no caso dos jornais, as técnicas de impressão.

Ainda seguindo Verón (2005 e 2013), observamos que a materialização destes sentidos do imaginário faz com que, na esteira do fenômeno midiático, adquiram autonomia em relação a seus autores e persistência, historicidade, no transcorrer do

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

tempo. Considerando os desvios e as negociações de sentido que transcorrem no âmbito da circulação, neste transcurso socioespacial e temporal, onde novos sentidos se interpõem e alternam-se novas gramáticas e condições de reconhecimento (GR e CR), partimos da hipótese de que também o sentido do imaginário passa por reconfigurações no transcorrer da semiose, fazendo emergir novos imaginários no âmbito do reconhecimento em um processo que, conforme Peirce (2008), estende-se *ad infinitum,* dado que a semiose não tem fronteiras e não se esgota naquele que pode ser considerado o polo do reconhecimento.

O que buscamos, em nossa pesquisa, portanto, é observar tais reconfigurações tendo como recorte o Caso Kliemann, episódio que, em função de suas peculiaridades, fez emergir uma forte carga de imaginários que, por conta de sua materialização e do consequente fenômeno midiático, espalharam-se pelo Rio Grade do Sul ou mesmo pelo Brasil – dado que o incidente também foi tema de reportagens em revistas de circulação nacional – e que persistem, ainda que reconfigurados, nos dias de hoje.

Referências

FAUSTO NETO, Antônio. Enunciação midiática: das gramáticas às ‘zonas de pregnâncias. In. FAUSTO NETO, Antônio et al. (Org.). **Midiatização e processos sociais:** aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010. p. 13-28.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma** - Midiatização, Cultura, Narrativas. Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p 8-40, dezembro 2018. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004/7731>. Acesso em 18 jun 2019.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2008. 337 p.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento:** o que é imaginário? (A hipótese do excedente de significação). Porto Alegre: Sulina, 2017. 175p.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** Tradução de Vanise Dresch. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005. 286p.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social 2:** ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013. 448p.